



ARTIGOS



A Pornografia Consumida Pelas Mulheres: Usos E Gratificações

Raquel FERREIRA, *Universidade Federal de Sergipe*

Marília Souza SANTOS, *Universidade Federal de Sergipe*

Resumo: A internet e a domesticação da pornografia abriram um importante espaço para que o gênero pudesse ser consumido cronicamente pelas mulheres, sobretudo, em função dos mais recentes movimentos que privilegiam a perspectiva das preferências, do prazer e da estética feminina na pornografia. Da profusão dessa nova dinâmica e da consolidação de um público alvo cativo, surgiu nosso interesse sobre o entendimento dos “Usos e Gratificações” da pornografia pelas mulheres. Nossa investigação aqui desvelada é um estudo indutivo-qualitativo abordado pela Teoria Fundamentada em dados (TFD) ou *Grounded Theory*, que privilegiou os motivos, usos e gratificações do consumo da pornografia pelas mulheres. Com a condução de 13 entrevistas em profundidade, descrevemos aqui dois dos principais motivos para a recepção desse produto, 1. Aconselhamento e aprendizagem e 2. Gerenciamento do Humor. Com o exame dedutivo dos conceitos surgidos dos dados substantivos, formulamos nossa hipótese teórica do fenômeno de interesse.

PALAVRAS-CHAVE: Pornografia; Usos e Gratificações; Estudo de Recepção; Mulheres; Teoria Fundamentada em Dados.



Pornografia: Gênero E Consumo

O acesso à pornografia e a materiais sexualmente explícitos se modificou ao longo do tempo e acompanhou a evolução tecnológica. Também, o que antes era rigidamente fiscalizado e até proibido de circular, hoje é de fácil acesso com o uso da Internet, possibilitando até mesmo, o compartilhamento de vídeos caseiros do gênero da pornografia.

Desde o século XIX, a procura por fotos ou escritos sexualmente explícitos acontece mundo afora, muitos deles, de início, censurados por leis e dogmas morais e religiosos. Para burlar a censura, não raro os usuários recebiam seus conteúdos pornográficos por correspondência (BAKKER; TAALAS, 2007, p. 100).

A censura, apoiada no geral em noções cristãs tradicionais, entendia a pornografia como uma representação que tinha por objetivo perverter o consumidor, um material necessariamente indecente, que “causa da decadência dos valores morais” (ABREU, 1996, p.33). Mas essa nunca foi a única denominação para a pornografia. A pornografia significou também expressões de fantasias, muitas vezes reprimidas, constituindo-se em mais em forma de divertimento, uma representação natural e inerente ao comportamento humano. De outra forma, também uma “função social, liberação, sublimação, atendimento ao gosto popular” (ABREU, 1996, p. 35).

A pornografia é hoje mais bem compreendida como qualquer material produzido com a finalidade de despertar sexualmente o público (CARROLL et al, 2016, p. 5, ASHTON; MCDONALD; KIRKMAN, 2017, p. 12), assim como uma forma de expressão em que o indivíduo pode ampliar sua compreensão sexual (POULSEN; BUSBY; GALOVAN, 2013, p. 73). Essas mais consolidadas definições sobre a pornografia enfatizam inclusive, a função da pornografia para seus consumidores e o seu papel como produto cultural, o que abre espaço para outras concepções que não o tradicional estigma de material devasso ou obsceno. Mas essas definições ainda dão conta do real uso e aproveitamento desse produto cultural pelo público? Ainda do público feminino?

Outras definições sobre a pornografia apontam para uma forma mais crítica de ver os conteúdos, como Williams (1999) e Sontag (1987)



sugerem, a pornografia se tornou um objeto que representa a dualidade de certo e errado, de libertador ou abusivo. Sontag (1987) afirma que a pornografia é vista socialmente como “uma doença a ser diagnosticada e uma ocasião para julgamento. É alguma coisa frente à qual se é contra ou a favor.” (SONTAG, 1987, p. 42).

As vozes expoentes sobre a nocividade da pornografia na sociedade se consolidaram ainda na década de 1980. Andrea Dworkin e Catharine MacKinnon seguem sendo as referências no pensamento antipornografia em todo o mundo, para elas a pornografia só pode ser definida em seu sentido literal, sendo “a representação gráfica das prostitutas mais baixas” (MCELROY, 1997, p. 29).

Ao traçar uma breve linha do tempo sobre os suportes utilizados para a difusão e o consumo da pornografia, partiríamos do papel, por intermédio dos correios (fotos, livretos, contos e outros escritos com ou sem apoio de imagens), veríamos os filmes 8mm, 16mm e 35mm, as fitas VHS, os DVDs, e, após a popularização da Internet nos anos de 1990, plataformas digitais acessadas por computadores e smartphones (BAKKER; TAALAS, 2007, p. 101).

Desde que o acesso foi facilitado com a chegada da internet na década de 1990, a chamada “domesticação da pornografia” (ABREU, 1996, p. 176) afetou diretamente novas concepções pornográficas e o aumento do consumo e envolvimento das mulheres com o gênero. Como exemplo, podemos apontar Barbara Hammer, diretora norte-americana que produziu filmes pornográficos voltados para mulheres, e com o foco em uma representação mais inclusiva para as mulheres lésbicas. Ainda, a diretora sueca Erika Lust, que dá um tratamento de destaque às mulheres em seus filmes. Aqui elas são personagens principais, não objeto de prazer dos homens que muitas das vezes as tratam com agressividade e violência.

A diretora trabalha de tal modo a colocar o prazer da mulher como foco nos seus filmes, baseados inclusive, em recados deixados por suas consumidoras em suas redes sociais digitais. No Brasil, a produtora XPlastic aposta no segmento de pornografia para mulheres com a inserção de corpos fora do padrão estético encontrado no *mainstream*. Corpos como o branco, sem pelos nas áreas genitais e com cirurgias como correção vaginal e silicone são o típico padrão que é evitado nas



produções. Nessa toada, se de um lado, vimos as produções pornográficas privilegiarem a perspectiva feminina do sexo, de outro, vimos a conquista desse público como cativo.

Essas discussões sobre as definições de pornografia e qual o seu lugar na sociedade e no imaginário das pessoas foram importantes também para o surgimento de novos conceitos de pornografia e aperfeiçoamento dos já existentes. A chamada pós-pornografia apresenta um conceito feminista para as produções, onde há a tentativa de refletir sobre “o papel das narrativas do gênero pornográfico como dispositivo de cristalização de saberes/poderes sobre outros grupos que circundam à margem da sociedade patriarcal heterossexualmente (ou heteronormativamente) orientada” (BALTAR, 2015, p. 135).

Embora algumas teóricas feministas discordem que exista uma “pornografia feminista”, por acreditar que a pornografia vai sempre carregar em suas produções a exploração e a objetificação dos corpos femininos ou feminilizados, os chamados “pornôs para mulheres” tornaram-se um nicho crescente, mesmo que para algumas pessoas apenas exerçam o trabalho de ressignificar os códigos subjetivos da pornografia mainstream e o de romper com a linguagem da grande indústria (TAORMINO, 2013).

O Pornhub, um dos sites gratuitos de acesso à pornografia mais visitados na internet, revela que a plataforma recebe 75 milhões de acessos diários. De 2013 a 2021, houve um crescimento de 9% no consumo de pornografia por mulheres brasileiras. De modo geral, no mundo, as mulheres saltaram de 23% para 37% no número de pessoas consumidoras de pornografia na plataforma (ORENSTEIN, 2017). Mais intrigante, talvez, seja o fato de a Pornhub e o Redtube afirmarem que no mundo, Brasil e Filipinas têm o maior público feminino consumidor de pornografia (BBC BRASIL, 2015). Nos últimos dois anos, com o cenário da pandemia, esse número cresceu ainda mais (ver relatório Pornhub’s 8th Year in Review, 2021).

Em um ambiente mais inclusivo, com acesso facilitado aos produtos pornográficos, vemos um espaço mais atrativo a um público até então, historicamente alijado desse processo receptivo. Mas esses produtos proporcionam novos Usos e Gratificações para esse público



específico? O que buscam as mulheres com os conteúdos pornográficos? Quais as suas motivações e expectativas? Com um estudo indutivo-qualitativo, buscamos sondar essas questões que privilegiam a recepção dos produtos pornográficos pelas mulheres.

Usos E Gratificações E A Abordagem Metodológica Do Estudo

Usos e Gratificações (U&G) é uma abordagem teórica da comunicação que iniciou seu desenvolvimento na década de 1940, e se preocupa com o processo de seleção e audiência dos conteúdos midiáticos. A premissa dessa abordagem é a de os receptores possuem necessidades e desejos que podem ser gratificados com a exposição a conteúdos específicos.

É por meio das experiências e reflexões da audiência sobre os conteúdos das mídias, que ela relaciona quais materiais lhes são gratificantes ou úteis e escolhe quais materiais consumir. Assim, (1) as origens sociais e psicológicas das (2) necessidades, que geram (3) expectativas de satisfação dos (4) meios ou outras fontes, levam a audiência (5) a padrões diferentes de exposição resultando em (6) gratificações das necessidades e (7) outras consequências (BLUMLER; KATZ, 1974, p. 20).

Dessa forma, a expectativa ou motivação que impulsiona o comportamento de consumo da pornografia pelas mulheres é fundamental para suas escolhas, considerando-se inclusive, as consequências decorrentes do próprio consumo da pornografia. Nesse sentido, vimos inclusive, que muitos são os estudos psicossociais focados nos efeitos que a pornografia pode ocasionar nos seus consumidores, entretanto, a investigação das motivações para o consumo da pornografia é rara, e suas conclusões, ainda pouco consolidadas e conhecidas.

Nesse sentido, para levar adiante nosso estudo, adotamos os princípios da Teoria Fundamentada em Dados (TFD) da pesquisa social, que é uma abordagem metodológica indutivo-interpretativa que privilegia a construção teórica fundamentada nos dados substantivos provenientes dos atores envolvidos no fenômeno investigado. A TFD se assemelha com



a etnografia e a fenomenologia, em que se destaca a subjetividade da realidade construída pelos respondentes (HANNABUSS, 1996).

Suas concepções fundamentam-se no Interacionismo Simbólico, que parte da premissa de que o significado dos comportamentos, ações, práticas, crenças, motivações, interpretação das situações da vida cotidiana, resulta ou insurge da interação social que as pessoas estabelecem entre si. Em outras palavras, as práticas são entendidas como produtos sociais derivados das interações e, dessa forma, seus significados não são intrínsecos ao comportamento em si, mas aos sentidos que os indivíduos dão para eles.

O princípio primeiro da TFD é a elaboração de categorias capazes de organizar e interpretar o fenômeno em estudo, explicando suas propriedades, demonstrando suas origens e as condições nas quais as ações se manifestam (FERREIRA; FELIZOLA, 2012, p. 08). A partir dessas estruturas básicas é que desenvolvemos a construção da teoria explicativa do fenômeno ou suas hipóteses teóricas. Para a construção das categorias fonte de dados, a TFD sugere sete processos básicos: 1 - Envolvimento simultâneo na coleta dos dados e análise; 2 - Construção de códigos analíticos e categorias surgidas a partir dos dados; 3 - Uso do método comparativo constante; 4 - Avanço do desenvolvimento teórico durante cada passo da coleta de dados; 5 - Escrita de memorandos para elaborar categorias, especificar propriedades e relacionamentos, bem como a própria estrutura teórica; 6 - Saturação amostral de dados; e 7 - Condução da revisão de literatura após a análise dos dados pelo pesquisador (CHARMAZ, 2006, p. 67).

O processo de codificação divide-se em três etapas: a codificação aberta ou inicial, codificação axial e codificação teórica. Essas e outras técnicas foram fielmente empregadas para o desenvolvimento da estruturação teórica proposta em estudo. O processo de coleta de dados da pesquisa se iniciou com a aplicação de um questionário online do Google Forms para grupos distintos de mulheres com alguma ligação com a Universidade Federal de Sergipe, com o intuito de estimular a participação na pesquisa e recolher os dados iniciais das interessadas para agendamento das entrevistas em profundidade, que aconteceria a



posteriori. Todas as entrevistas foram realizadas nos anos de 2020 e 2021, por meio digital, devido a pandemia da corona vírus.

O questionário inicial foi respondido por 145 mulheres e a indicação de possibilidade de realização da entrevista contou com um total de 70 mulheres. Para a entrevista, excluímos as respondentes que se declararam menores de 18 anos, e àquelas que não indicaram nenhuma forma de contato, como e-mail ou telefone para o agendamento da entrevista. Como as entrevistadas eram todas maiores de idade, nos foi dispensado a necessidade de apreciação do projeto de pesquisa pelo comitê de ética da Universidade Federal de Sergipe, sendo então apenas recolhido junto às entrevistadas, o termo de consentimento livre e esclarecido.

Após a triagem de contatos, entrevistamos 13 mulheres que nos pareceu, com os dados colhidos, coadunar com a expectativa de saturação amostral para nossas pretensões de conhecimento. A nossa amostra se constituiu de mulheres jovens/adultas, com faixa etária dos 21 aos 39 anos, e que se declararam estudantes (3), professoras (2), autônomas (2), funcionária pública federal (1), auxiliar de produção (1), psicóloga e doula (1), enfermeira obstétrica (1), jornalista (1) e farmacêutica (1).

Tabela 1. Perfil dos Entrevistados

Idade	Cidade	Profissão	Orientação Sexual
25	Poço Verde – SE	Professora	Heterossexual
25	Aracaju – SE	Funcionária Pública	Bissexual
36	Rio de Janeiro – RJ	Professora	Bissexual
28	Araraquara – SP	Auxiliar de Produção	Bissexual
24	São Paulo – SP	Estudante	Heterossexual
21	Cachoeira – BA	Estudante	Homossexual
24	Aracaju – SE	Jornalista	Homossexual
25	São Cristóvão – SE	Autônoma	Heterossexual
26	Aracaju – SE	Psicóloga e Doula	Heterossexual
29	São Paulo – SP	Estudante	Bissexual
24	Aracaju – SE	Autônoma	Homossexual
38	Aracaju – SE	Enfermeira obstétrica	Bissexual
39	Aracaju - SE	Farmacêutica	Heterossexual

Fonte: Elaboração nossa (2021)



Nas entrevistas, exploramos temas como motivações, as razões que as entrevistadas identificam como sendo determinantes para que elas consumam pornografia por ordem de relevância. A possível origem social, psicológica e circunstancial dos motivos, condições de assistência, consequências do consumo dos materiais pornográficos, o contato inicial com a pornografia, perspectiva histórica familiar sobre o tema, modos de consumo. Também questionamos sobre os meios, tecnologias, plataformas, quais materiais mais atrativos, intensidade e frequência.

Questionamos mais detidamente sobre os conteúdos, tipos e estilos privilegiados, diferentes tipos de abordagens do sexo, formatos. Por fim, níveis de identificação e gratificação com os materiais, e, perfil da entrevistada; orientação sexual, identidade de gênero, idade, profissão, interesses e opiniões sobre o consumo de pornografia, política, felicidade e estilo de vida. Com leque tão grande de interseções possíveis com o tema do consumo da pornografia, aqui privilegiamos os resultados diretamente dados às motivações para seleção e consumo da pornografia.

Apresentação Dos Resultados

Encontramos uma variedade relativamente grande de motivações relatadas para o consumo da pornografia pelas mulheres, mas com muitos pontos em comum. Ouvimos expressões como masturbação, excitação, relaxamento, aprendizado, fuga da rotina do casal, conhecimento de novas posições, conhecimento do corpo, fuga do tédio, imaginação, entretenimento, alívio do estresse e cansaço, alívio de tensão, passatempo, distração e lazer.

A partir do processo interpretativo indicado pela TFD, organizamos os conjuntos de significados obtidos, o que nos levou a uma redução das categorias chave para melhor compreensão dos resultados.

Tabela 2. Unidades de Análise

Categoria	Motivação
Aconselhamento e aprendizagem	Aconselhamento Autoconhecimento
Gerenciamento de Humor	Excitação sexual Entretenimento / Relaxamento

Fonte: Autoras



Categoria Aconselhamento e Aprendizagem

Para as mulheres, a pornografia pode se apresentar como uma espécie de guia, onde os conhecimentos adquiridos ou os conselhos sugeridos são tomados como referências para novos comportamentos sexuais, para reproduzir cenários, vestimentas, diálogos, ou qualquer outro elemento que possa apoiar o esquema de conhecimento e autoconhecimento sexual. Aqui as mulheres afirmam despertar a atenção para seus próprios corpos, para seu prazer, bem como para o prazer e “sedução” do parceiro ou parceira.

A aprendizagem acontece de tal forma que a receptora relata poder ampliar seu leque de conhecimento direcionado ao sexo. No que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo, as mulheres revelam observar e experimentar novas zonas erógenas, compreender toques e modos pelos quais se sentem excitadas e preparadas para o sexo. O aprendizado do auto prazer, do toque “eficiente”, foi muitas vezes evidenciado como resultado da aquisição das informações observadas.

Eu acredito que quando vejo sozinha, o que raramente acontece, mas quando acontece, é também pra saber quais os pontos do meu corpo eu sinto mais prazer e tesão, aí eu falo pro meu parceiro quais lugares que eu sinto, pra quando a gente estiver fazendo sexo, ele saiba onde me tocar.

Eu acho sim que ficou diferente (conhecimento sexual de si) depois de me dedicar a maratonar os pornôs, porque antes eu tocava meu corpo e eu sentia algo, mas eu não sabia descrever, e a primeira vez que eu tive um orgasmo foi vendo um vídeo, e aí chegou num ponto que eu não conseguia parar porque eu estava chegando no ápice com eles e eu não sabia ao certo como isso me ajudava a me conhecer (...)

A importância do apoio da pornografia para exploração do próprio corpo para o prazer sexual, bem como do vislumbre das diversas possibilidades de experiências sexuais é tido como um forte aliado para o entendimento das preferências particulares das mulheres.

Se eu tivesse visto pornô antes, eu acho que eu teria conhecido mais meu próprio corpo, saberia mais sobre tudo, porque tem coisas que eu ainda me acho muito leiga, apesar de ser meu corpo e eu ter 25 anos de idade, mas tem coisas assim que se eu ouço o nome e eu fico “nossa, é esse o nome que se dá pra isso?” Justamente por não saber. Talvez se eu, sei lá, talvez, se eu conhecesse mais meu próprio corpo, eu acredito que eu não teria engravidado, porque engravidar não era uma opção, mas assim, de tantos tabus, tantas coisas e tudo mais, eu acredito que se eu fosse mais conhecedora de tais assuntos, eu não teria engravidado aos 24 anos, que pra mim é muito cedo.



Nos relatos como o abaixo descrito, vemos algumas mulheres relacionarem suas orientações sexuais com o consumo da pornografia, fazendo uma ligação direta entre a exposição aos conteúdos e as suas “descobertas” por desejos antes não sabidos, mostrando com a pornografia tem desempenhado um papel fundamental para a reflexão da própria sexualidade.

Eu sempre tive o desejo de saber como é e tal [relação sexual entre duas mulheres] e abriu um leque totalmente diferente de visão na minha cabeça sobre como seria e tal. E aí eu falei “Hum...Acho que eu gosto disso”

Da primeira vez foi meio que uma descoberta porque, apesar das coisas não serem escondidas de mim, não tinha como acessar, como conhecer, como saber, enfim, a primeira vez que eu vi foi meio que matar a curiosidade, né. De, assim, “nossa!”. Eu fiquei com aquela impressão de que aquilo era o sexo. Hoje quando eu vejo, eu busco coisas específicas, que eu sei que me excitam porque eu já tenho um conhecimento do meu corpo, da minha sexualidade.

A pornografia, de uma forma geral, contribui para a exploração dos gostos pessoais que envolvem o sexo, o que conseqüentemente contribui para o melhor relacionamento sexual com um (a) parceiro (a). Uma vez que essas mulheres entendem o que mais lhe proporcionam prazer, elas podem compartilhar e envolver seus parceiros ou suas parceiras em situações e comportamentos que contribuam para uma melhor experiência sexual.

Depois que eu perdi a virgindade eu procurava (vídeos) pra saber mais, ter mais experiência. Não que as pessoas fazem assim, mas ver o que eu poderia experimentar. Depende muito da pessoa e do quão a fim eu estou da pessoa pra eu experimentar aquilo. Não é raro a gente compartilhar essas experiências.

Eu assisto com minha parceira para a gente conversar um pouco sobre aquilo também, as vezes pra praticar, mas também pra falar daquilo porque é interessante, é um tema que é interessante, não só pra gente fazer, mas pra gente conversar, eu gosto justamente de conversar sobre isso.

Eu assisto alguns vídeos e tento trazer para minha realidade, eu vejo o que vou sentir prazer e posso fazer e o que eu não vou sentir prazer, aí eu já descarto.



O consumo por autoconhecimento e aprendizagem é uma categoria que se mostra fundamental por proporcionar à consumidora uma outra relação consigo e a prática sexual relacional, a partir de novas referências e perspectivas. A pornografia ressignifica o entendimento das consumidoras em relação ao prazer, seu, e do(a) parceiro(a), performance, possibilidades de acessórios, apetrechos e ações voltadas para o universo do sexo e da sexualidade.

Categoria de Gerenciamento de Humor

A categoria de gerenciamento de humor representa a busca do manejo dos estados de humor das mulheres. Tal manejo é decorrente da excitação ou estimulação simpática do sistema nervoso autônomo que pode ser modulada por meio da exposição aos produtos pornográficos.

Zillmann (1985), um dos propositores da ideia do “gerenciamento do humor”, diz que os conteúdos midiáticos possibilitam considerável excitação através dos seus estímulos próprios, manifestando-se no “domínio simpático do sistema nervoso autônomo”, e entre outras coisas, produz “reações afetivas” (1985, p. 228). Essas reações são os sentimentos de alegria, entusiasmo, ânimo, empolgação, diversão, tensão, bem como de apaziguamento, relaxamento, encantamento, arrefecimento da tensão e aborrecimento.

Qualquer conteúdo midiático tem a princípio, potencial de produzir tais resultados nos seus receptores. Sua denominação designa-se a uma força unitária que energiza ou intensifica as manifestações corticais e autônomas (estimulando em destaque, reações afetivas) iniciando, neutralizando ou alterando os estados de humor do receptor. (ZILLMANN, 1991a, p. 104-105).

A ideia fundamental do processo seletivo dos conteúdos baseado na regulação do humor é a de que a atratividade dos conteúdos conecta-se com as chances deles ajudarem os receptores a escapar emocionalmente dos seus respectivos estados de excitação indesejável. Aborrecidos e entediados, por exemplo, acabam mais por se expor aos conteúdos que alteram suas disposições iniciais para um estado mais intenso (das atividades autônomas destacadamente), com a busca de conteúdos de ação, aventura, animação, comédia, espionagem, terror, suspense, sensualidade e erotismo, como vimos em pesquisa, ou qualquer coisa que subjetivamente proporcione ao receptor, fuga do seu estado de humor inicial.



As mulheres em pesquisa relatam procurar pornografia por entretenimento, diversão, fuga do tédio, entre outros argumentos que remetiam à intensificação das manifestações corticais e autônomas, buscando alterar seus estados iniciais de humor:

Eu vejo apenas vídeos e é mais como forma de entretenimento. É, literalmente é uma forma de entretenimento. Acho que tipo, pra mim é uma coisa muito simples, por mais que seja uma forma de entretenimento um pouco sádica. Eu acho um pouco sádica. Mas tipo, é uma coisa que mexe bastante com meu intelecto e que... não sei... mexe, sabe? Não consigo parar de ver.

Normalmente quando eu tô em casa sem fazer nada, ou então enquanto eu tô esperando baixar um jogo ou um filme de outro conteúdo. Aí eu assisto, enquanto fico esperando baixar. Não tem nenhum gatilho específico não. É um passatempo para não me aborrecer com a atividade chata de esperar.

De outra forma, esses conteúdos em tela possibilitam às mulheres outros estados de humor que não o inicial. Assim como a telenovela, telejornal, programas de auditório, a pornografia também é tida como uma opção para o gerenciamento do humor. Segundo o autor, estressados acabam no geral por escolher programas cujos estímulos são percebidos como neutralizadores dos seus estados de tensão (em destaque as reações afetivas), isso segundo a lógica de que certos conteúdos podem ocasionar um efeito subjetivamente calmante, como um conteúdo romântico, fantasioso, musical, ou qualquer um que subjetivamente proporcione a redução do seu nível de excitação inicial, assim como visto em estudo com a pornografia (ZILLMANN, 1985, p. 230).

Na pesquisa, os conteúdos pornográficos também se mostraram aptos para estimular reações afetivas que reduzem o estresse, a tensão do dia-a-dia, ansiedade, proporcionando relaxamento e alívio das tensões:

Às vezes eu tô me sentindo meio tensa e os vídeos me ajudam a ficar menos tensa, relaxar o corpo. Eu distraio a mente dos problemas do meu dia (...)

Leio quando eu tô sozinha... Me relaxa, porque aí se eu gozo, vem aquele pico e me relaxa e eu acabo dormindo ou vou fazer minhas coisas, depende do momento que eu estou assistindo ou lendo.



Depende do momento. Assim, eu gosto muito do erótico normalmente, mas o pornográfico tem lá os seus momentos, quero esvaziar a mente, quero relaxar e é isso. Então depende do momento.

Desse modo, o que vimos foi o uso da pornografia para a “experimentação de reações afetivas” que levam o seu consumidor a um equilíbrio emocional interno. Nesse sentido, Zilmann nos explica, apoiado em estudos endocrinológicos, que uma pessoa que retorna ao lar de um dia de trabalho tenso ou aborrecido, acaba por manter um alto nível de excitação inapropriada (ZILLMANN, 1991a: 106-107).

Também que a “condição condutiva de tal estado é psicológica, podendo ser identificada como uma preocupação cognitiva continuada sobre os eventos responsáveis pela experiência de estresse”. A interrupção de tal processo pode ser conduzida por qualquer forma de estimulação recreativa (que não necessariamente assistir à pornografia), ocasionando um efeito benéfico de redução e alívio dos níveis de perturbação do receptor.

Uma das razões para que tal mudança ocorra, conduzida para níveis considerados como apropriados ou próximos do excelente de excitação (níveis menores de estresse, tédio, entre outros), se encontra na capacidade da pornografia fornecer estímulos variados que envolvem e absorvem o seu receptor conduzindo-o para outro estado alternativo de emoções e de humor.

Paralelamente, as mulheres também demonstraram buscar com a pornografia, um segundo tipo de excitação, mas agora sim, a sexual, um dos usos mais óbvios e largamente relatado em estudo. A assistência dos conteúdos pornográficos estimularia reações neuropsicofisiológicas (SILVA, 2011), estado de preparação fundamental para a prática do ato sexual.

A gente (a entrevistada e o companheiro) teve um dia cansativo e estressante e a noite a gente quer transar, mas a gente tá meio desestimulado, aí ele fala “então vamos assistir um vídeo curto pra ver se vai estimular”. Sempre estimula, a gente vai assistindo e olhando o que estão fazendo e daí rola o sexo.

O motivo é a excitação, a busca de excitação. No momento em que eu busco prazer sozinha eu acesso plataformas gratuitas de vídeos.



O consumo aqui acontece pelo desejo de modelar uma alteração que pode culminar com o estado de preparo da mulher para o ato sexual a partir do seu excitamento.

Discussão Dos Resultados E Considerações Finais

As duas categorias motivacionais foram suportadas pelo estudo dedutivo desenvolvido por uma revisão narrativa do tema, conforme indica a TFD. Na categoria Aconselhamento/Aprendizagem, vimos as receptoras selecionarem conteúdos pornográficos baseando sua escolha na avaliação dos estímulos que iriam proporcionar uma informação valiosa sobre a própria sexualidade, no geral referenciada à sexualidade do outro: "Uma vez descobri como usar pornografia e certas experiências para transformar desejo em um orgasmo auto-gerado" (PALAC, 1998). Para os usuários, é um meio valioso de se educar sobre sexo (BOIES, 2002; CHOI e NICOLSON, 1994).

Chowkhani (2016) em seu estudo sobre como as mulheres consomem pornografia na Índia urbana, também descobriu que as mulheres procuram entendimento sobre sua sexualidade, seus corpos e seus desejos sexuais. A pornografia é aqui tida como uma possibilidade de compreensão da atividade e das relações sexuais, das concepções físicas e afetivas, da experiência de excitação, e das potenciais atitudes a serem adotadas, refutadas e adaptadas em relação ao sexo e ao parceiro (a) sexual.

No estudo de Durham, por exemplo, as referências da mídia tornaram-se parte das conversas das meninas sobre uma série de questões como sexualidade ou imagem corporal, como uma maneira de reforçar uma visão particular da "feminilidade" e "heterossexualidade". As jovens usariam o sexo da mídia para refletir a respeito, tomar uma posição e construir uma personalidade afetiva e sexual (ATTWOOD, 2005).

Os repertórios de práticas e comportamentos seriam as referências para criação e manutenção de identidades individuais e grupais, e apoiaria o desempenho e exibição de gênero e sexualidade. A escolha da pornografia inclusive baseia-se na visão da sexualidade como uma forma



de "escolha cultivada" desenvolvida por meio de "preferências e estilo de vida". Assim, os contextos de consumo da pornografia são compreendidos, aceitos ou refutados, policiados e eventualmente incorporados em novos comportamentos.

Quanto ao uso da pornografia dentro de um contexto relacional, também vimos muitos estudos apoiarem a ideia de "busca de conexão com o par", para discutir desejos e interesses sexuais seus e do parceiro, introduzir novas ideias para a relação sexual. Os casais que explicitamente usavam pornografia juntos buscando aprimorar seu relacionamento sexual tendiam a relatar o encontro de uma ferramenta para facilitação da comunicação sobre seus gostos e preferências sexuais (DANEBACK et al., 2009).

Também tal prática proporcionaria um clima erótico, o que facilitaria a expressão sexual dos envolvidos. Para se conectar com um parceiro sexual, as mulheres de um estudo falaram sobre o uso de pornografia on-line para iniciar conversas sobre desejos e interesses sexuais e introduzir novas ideias em seus relacionamentos sexuais: "Acho que é apenas uma espécie de conversa aberta, você se sente mais à vontade com a pessoa com quem você está". "É muito mais fácil olhar para alguém fora do seu relacionamento e dizer - veja essa pessoa fazendo algo que eu não acho atraente, em vez de dizer - você está fazendo a coisa errada." "É uma ferramenta" (MCKEOWN; PARRY; PENNY, 2017).

Na categoria Gerenciamento de Humor, vimos receptoras selecionarem conteúdos pornográficos baseando sua escolha na avaliação dos estímulos que as trariam para um (1) equilíbrio interno, ou mesmo para a (2) preparação da prática sexual, isso porque, os conteúdos se conectam com a possibilidade de fazer com que as receptoras "escapem emocionalmente dos seus respectivos estados de excitação indesejável" ou "as ponham no estado de excitação sexual".

Em revisão, observamos muitos relatos que consolidam a ideia que a pornografia melhora o humor do usuário, seja para aliviar o estresse e a ansiedade, relaxar ou escapar dos problemas diários. Por exemplo, "Eu pessoalmente preciso usar várias vezes por semana, caso contrário, eu me transformo em uma cadela irritadiça". "isso meio que tira minha mente da realidade" (MCKEOWN; PARRY; PENNY, 2017; PAUL; SHIM, 2008).



Uma das razões para que reações afetivas venham a ocorrer, proporcionando um reequilíbrio emocional interno, se encontra na capacidade da pornografia de fornecer estímulos que envolvem e absorvem o seu receptor, afastando-o, mesmo que momentaneamente, da origem das situações ou preocupações que mantinham seu nível de tédio ou estresse elevado.

A segunda variante de justificativa que contribuiu para elaboração dessa categoria motivacional é “excitação sexual” ou busca de um “estado de preparação da prática do ato sexual”, uma espécie de manipulação neuropsicofisiológica (SILVA, 2011). São muitos os relatos que apoiam a categoria como vimos em Paul e Shim (2008), que descobriram a pornografia “como um auxiliar visual excitante para me masturbar”. Essa associação é também suportada pela pesquisa de Döring (2009), “utilizada com competência, a Internet oferece aos usuários a oportunidade de satisfazer suas necessidades sexuais”. Da mesma forma, Albright, 2008; McCutcheon e Bishop, 2014; McKeown, Parry e Penny, 2017; Parvez, 2006; Smith, 2013; dentre outros, ratificam o uso da pornografia com o objetivo de excitação sexual. Aqui também vale entonar a questão do envolvimento que muitos usuários mantêm com esses conteúdos a ponto de se sentirem dependentes ou viciados, cujos relatos parecem determinar tal relação. Esses detonariam possíveis efeitos negativos, uma vez que estudos estabelecem que taxas mais altas do uso da pornografia estão associadas a níveis de depressão (Bridges e Morokoff, 2011), desenvolvimento de comportamentos violentos, compulsão, como também a objetificação das mulheres (Attwood, 2005).

Assim, em revisão da literatura do tema, nossas categorias foram suportadas, a par de um pequeno número de estudos dedicados ao fenômeno. Conforme observado, os motivos e interesses são muito mais diversos do que normalmente são relatados pelo senso comum. A busca por excitação sexual parece não ser a única motivação para o consumo de pornografia, muito embora, possa ser o único objetivo em mente de quem produza tal material. Neste sentido, nos interessou privilegiar a perspectiva da audiência, na sua capacidade de significar e relacionar seus interesses com os conteúdos em questão aqui postos.



Nesse sentido, a capacidade reativa da audiência é um conceito chave para nós, uma vez que o relacionamento entre a audiência e os conteúdos dos meios de comunicação social é um processo multissemântico, “cuja sintaxe é extremamente imprevisível e imprecisa” (CASTELLS, 2006, p. 422). O que queremos dizer é que realçada a complexa possibilidade de intervenção da audiência sobre a pornografia por meio das suas particulares necessidades, motivações, predisposições para seleção, interpretação, aceitação ou não das sugestões dos conteúdos, reflexão e uso, o efeito da pornografia; tema de largo interesse das áreas da saúde e das ciências psicossociais, será também, sempre diverso.

Referências

ABREU, Nuno Cesar. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

ALBRIGHT, Julie M. Sex in America Online: an exploration of sex, marital status, and sexual identity in internet sex seeking and its impacts. *Journal Of Sex Research*, [S.L.], v. 45, n. 2, p. 175-186, 14 maio 2008. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00224490801987481>.

ASHTON, Sarah; MCDONALD, Karalyn; KIRKMAN, Maggie. Women’s Experiences of Pornography: a systematic review of research using qualitative methods. *The Journal Of Sex Research*, [S.L.], v. 55, n. 3, p. 334-347, 21 set. 2017. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00224499.2017.1364337>.

ATTWOOD, Feona. What do people do with porn? Qualitative research into the consumption, use, and experience of pornography and other sexually explicit media. *Sexuality And Culture*, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 65-86, jun. 2005. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s12119-005-1008-7>.

BALTAR, Mariana. Atrações e prazeres visuais em um pornô feminino. *Significação: revista de cultura audiovisual*, USP, 2015.



- BAKKER, Piet; TAALAS, Saara. The Irresistible Rise of Porn:: the untold story of a global industry. *Observatório (Obs*) Journal*, [S. L.], v. 1, n. 1, p. 99-196, 2007.
- BLUMLER, Jay G.; KATZ, Elihu. *The Uses of mass communications: current perspectives on gratifications research*. Beverly Hills: Sage Publications, 1974. (Sage annual reviews of communication research).
- BOIES, Sylvain C. University student's use of and reactions to online sexual information and entertainment: links to online and off-line sexual behavior. *The Canadian Journal Of Human Sexuality*, [S. L.], v. 11, n. 2, p. 77-89, 2002.
- BRASIL, Bbc. *Mulheres brasileiras são as que mais veem pornografia, diz pesquisa*. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/08/mulheres-brasileiras-sao-as-que-mais-veem-pornografia-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- BRIDGES, Ana. J.; MOROKOF, Patricia. J. Sexual media use and relational satisfaction in heterosexual couples. *Personal Relationships*, n. 18, p. 562-585, 2011.
- CARROLL, Jason S. *et al.* The Porn Gap: differences in men's and women's pornography patterns in couple relationships. *Journal Of Couple & Relationship Therapy*, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 146-163, 14 nov. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15332691.2016.1238796>.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CHARMAZ, Kathy. *Constructing Grounded Theory: a practical guide through qualitative analysis*. London: Sage Publications, 2006.
- CHOI, Precilla Y. L.; NICOLSON, Paula. *Female sexuality: psychology, biology and social context*. United Kingdom: Hemel Hempstead, 1994.
- CHOWKHANI, Ketaki. Pleasure, bodies and risk: women's viewership of pornography in urban india. *Porn Studies*, [S.L.], v. 3, n. 4, p. 443-452, 11



abr. 2016. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/23268743.2016.1147374>.

DANEBACK, Kristian; TRÆEN, Bente; MÅNSSON, Sven-Axel. Use of Pornography in a Random Sample of Norwegian Heterosexual Couples. *Archives Of Sexual Behavior*, [S.L.], v. 38, n. 5, p. 746-753, 15 mar. 2008. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s10508-008-9314-4>.

DÖRING, Nicola M. The Internet's impact on sexuality: a critical review of 15years of research. *Computers In Human Behavior*, [S.L.], v. 25, n. 5, p. 1089-1101, set. 2009. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2009.04.003>.

FERREIRA, Raquel Marques Carriço; FELIZOLA, Matheus Pereira Mattos. Teoria Fundamentada em Dados: uma experiência metodológica. *Revista Latinoamericana de Metodología de La Investigación Social*, [S. L.], v. 2, n. 3, p. 12-17, 2012.

HANNABUSS, Stuart. Research interviews. *New Library World*, [S.L.], v. 97, n. 5, p. 22-30, 1 set. 1996. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/03074809610122881>.

MCCUTCHEON, Jessica M.; BISHOP, Cj. An erotic alternative? Women's perception of gay pornography. *Psychology & Sexuality*, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 75-92, 16 dez. 2014. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/19419899.2014.983740>.

MCKEOWN, Janet K. L.; PARRY, Diana C.; LIGHT, Tracy Penny. "My iPhone Changed My Life": how digital technologies can enable women's consumption of online sexually explicit materials. *Sexuality & Culture*, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 340-354, 16 nov. 2017. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s12119-017-9476-0>.

MCELROY, Wendy. *A woman's right to pornography*. St. Martin's Press, New York, 1997.

ORENSTEIN, José. *O que os dados de uma década dizem sobre o consumo de pornô na internet*. 2017. Jornal Nexo. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/19/O-que-os->



dados-de-uma-d%C3%A9cada-dizem-sobre-o-consumo-de-porn%C3%B4-na-internet. Acesso em: 01 jan. 2020.

PALAC, Lisa. *On the edge of the bed: how dirty pictures changed my life*. Boston: Little, Brown And Company, 1998.

PARVEZ, Z. Fareen. The Labor of Pleasure. *Gender & Society*, [S.L.], v. 20, n. 5, p. 605-631, out. 2006. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0891243206291109>.

PAUL, Bryant; SHIM, Jae Woong. Gender, Sexual Affect, and Motivations for Internet Pornography Use. *International Journal Of Sexual Health*, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 187-199, 19 ago. 2008. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/19317610802240154>.

PORNHUB. *Pornhub's 8th Year in Review*. 2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021>. Acesso em: 18 jan. 2022.

POULSEN, Franklin O.; BUSBY, Dean M.; GALOVAN, Adam M.. Pornography Use: who uses it and how it is associated with couple outcomes. *Journal Of Sex Research*, [S.L.], v. 50, n. 1, p. 72-83, jan. 2013. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00224499.2011.648027>.

SILVA, Symone Lopes Francelino Gonçalves. *Neuropsicologia do desejo sexual: alguns aspectos da regulação funcional da motivação sexual*. 2011. 119 f. Monografia (Especialização) - Curso de Neurociência e Comportamento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SMITH, Marshall. Youth Viewing Sexually Explicit Material Online: addressing the elephant on the screen. *Sexuality Research And Social Policy*, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 62-75, 20 nov. 2012. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s13178-012-0103-4>.

SONTAG, Susan. *A Vontade Radical*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

TAORMINO, Tristan. *The feminist porn book: the politics of producing pleasure*, New York. The Feminist Press, 2013.



WILLIAMS, Linda. *Hard Core: Power, Pleasure, and the “Frenzy of the Visible”*. Califórnia, 1999.

ZILLMANN, Dolf. Television Viewing and Physiological Arousal. In: JENNINGS, Bryant; ZILLMANN, Dolf (ed.). *Responding to the Screen: reception and reaction processes*. New Jersey: Lawrence Publishers, 1991. p. 103-134.

ZILLMANN, Dolf. The Experimental Exploration of Gratifications from Media Entertainment. In: ROSEGREN, Erik; WENNER, Lawrence; PALMGREEN, Philip (ed.). *Media Gratifications Research*. Beverly Hills: Sage Publications, 1985. p. 225-239.

Pornography consumed by women: Uses and Gratifications

Abstract: The internet and the domestication of pornography opened up an important space for women to chronically consume gender, especially in light of the most recent movements that privilege the perspective of preferences, pleasure and female aesthetics in pornography. From the profusion of this new dynamic and the consolidation of a captive target audience, emerged our interest in women's understanding of the “Uses and Gratifications” of pornography. Our investigation unveiled here is an inductive-qualitative study approached by the Grounded Theory, which privileged the reasons, uses and gratifications of pornography consumption by women. Conducting 13 in-depth interviews, we describe here two of the main reasons for receiving this product, 1. Counseling and Learning and 2. Mood Management. With the deductive examination of the concepts arising from the substantive data, we formulate our theoretical hypothesis of the phenomenon of interest.

KEYWORDS: Pornography; Uses and Gratifications; Reception Study; Women; Grounded Theory.

Raquel FERREIRA

Universidade Federal de Sergipe

Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe UFS, atuando na graduação e no programa de pós-graduação em Comunicação Social. Publicitária, mestre pela Universidade Metodista de São Paulo (2003), doutora pela Universidade Nova de Lisboa com sanduíche na Universidade de Leeds, Inglaterra (2011), e pós-doutora pelo ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (2017).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7307-5527>

Marília Souza SANTOS

Universidade Federal de Sergipe

Mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela UFS.

Recebido em: 22/02/2022

Aprovado em: 05/09/2022